

**ALGUMAS PROPOSTAS DE ANÁLISE
DA COORDENAÇÃO E DA SUBORDINAÇÃO
A PARTIR DO COMPORTAMENTO DAS CONJUNÇÕES
DA ÁREA DA CAUSA E DA EXPLICAÇÃO**

Antônio Sérgio Cavalcante da Cunha (UERJ)
sergio03@ism.com.br

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende fazer uma reflexão sobre os conceitos de coordenação e subordinação a partir do estudo das conjunções *porque*, *pois* e *já que*, que pertencem à área semântica da causa/explicação.

Começaremos esta reflexão com a exposição do trabalho de Carlos Vogt (1989) acerca dessas três conjunções. O autor se propôs a fazer um estudo semântico-argumentativo desses elementos a partir de uma série de características que os aproximam e os afastam uns dos outros.

A seguir, passaremos ao estudo de Flávia Carone, que, no último capítulo de seu texto **Subordinação e coordenação: confrontos e contrastes** (1987), vai retomar o trabalho de Vogt para complementar suas idéias sobre os dois processos de estruturação de períodos.

Por fim, faremos uma reflexão acerca das questões levantadas e respondidas por esses dois autores e das questões levantadas e não respondidas por eles. Em função da existência de pontos não resolvidos nas obras de Vogt e Carone, ainda que citados, apresentaremos uma nova proposta para a abordagem do assunto em questão.

O TRABALHO DE VOGT

Carlos Vogt escreveu um interessante texto em que fez uma análise semântico-argumentativa das conjunções *porque*, *pois* e *já que*. A análise foi inspirada pela pesquisa feita por Ducrot e professores de francês e de Matemática – o chamado grupo de lógica e linguagem, que fez uma pesquisa com conjunções assemelhadas do

francês (*parce que, car e puisque*). O objetivo do autor é refletir sobre as possíveis relações entre o ensino da língua e o ensino do pensamento lógico.

Vogt alerta para o fato de que, nas gramáticas tradicionais, a classificação dessas conjunções como coordenativas explicativas ou subordinativas causais não é absolutamente clara e os critérios utilizados pelos gramáticos, por serem apenas indicativos de intuições possíveis, insistem em repetir a diferença e adiam a explicação provável.

Alguns autores, diz Vogt, mencionam que as explicativas não passam de causais coordenativas que nem sempre se separam claramente das causais subordinativas (Bechara, 1964). Said Ali, por exemplo, explica que as causais subordinativas se separam da oração principal por uma pausa muito fraca, mas a coordenativa separa-se da oração anterior por uma pausa mais forte.

Vogt começa apresentando semelhanças entre as conjunções *porque* e *já que*, semelhanças estas que as afastam de *pois*:

a) *porque* e *já que* podem ser encontradas no começo do enunciado, isto é, a oração introduzida por essas conjunções pode vir anteposta. A oração iniciada por *pois*, ao contrário, exige um texto anterior:

Porque sabe lógica, ele se acredita um gênio.

Já que você insiste, eu venho.

Mas

*** Pois sabe grego, ele se acredita romano.**

b) *Porque* e *já que* podem combinar-se com *e*, enquanto *pois* normalmente não o faz:.

Pedro voltou porque estava cansado e porque estava doente.

Eu virei já que você insiste e já que João partirá.

Mas

***Pedro voltou, pois estava cansado e pois estava doente.**

No entanto, o que Vogt tenta provar é que, do ponto de vista sintático, *pois* e *já que* estão mais próximas uma da outra do que *porque* e *já que* por uma série de testes, tais como:

a) o fato de que somente a oração introduzida por *porque* pode responder a uma pergunta *por quê?*

Por que você ficou resfriado?

Porque eu saí sem agasalho.

*** Já que eu saí sem agasalho.**

*** Pois eu saí sem agasalho.**

b) as conjunções *pois* e *já que* não podem ser extrapostas. A conjunção *porque* pode.

Ele comeu pouco porque está doente.

É porque está doente que ele comeu pouco.

Ele comeu pouco, já que está doente.

*** É já que está doente que ele comeu pouco.**

Ele comeu pouco, pois está doente.

***É pois está doente que ele comeu pouco.**

Se os testes supracitados já apontam uma semelhança entre *pois* e *já que* e um afastamento dessas duas conjunções em relação a *porque*, outros testes reforçam essa percepção. Entre eles, detalharemos os testes da negação e da interrogação.

a) Teste da negação

As orações de *já que* e de *pois* não podem ter seu conteúdo negado. Quando o período é submetido a uma negação, há a ruptura do bloco, com a negação incidindo apenas sobre o verbo da outra oração.

Pedro não parou de trabalhar, já que são 5 horas.

Pedro não parou de trabalhar, pois são 5 horas.

A interpretação para as sentenças acima é que **Pedro não parou de trabalhar** (o **não** incide sobre **parou de trabalhar**) e **a razão para ele não ter parado de trabalhar é o fato de serem 5 horas**.

Já a conjunção *porque* tem comportamento dúbio. Por um lado, a partícula negativa pode incidir sobre **parou de trabalhar** e, neste caso o comportamento de *porque* é idêntico ao de *pois* e o de *já que*, provocando uma ruptura do bloco entonacional em dois, fazendo com que cada oração se comporte como um bloco entonacional separado.

Pedro não parou de trabalhar, porque são 5 horas.

Neste caso, nega-se que **Pedro tenha parado de trabalhar e a razão para ele não ter parado de trabalhar é o fato de serem 5 horas**.

Por outro lado, *porque* pode ter um comportamento totalmente diferente das outras duas conjunções, com a partícula negativa incidindo sobre o conteúdo da oração introduzida por *porque* e não sobre **parou de trabalhar**. Assim, teríamos:

Pedro não parou de trabalhar porque são 5 horas.

A interpretação seria que **Pedro parou efetivamente de trabalhar, mas a razão para ele ter parado de trabalhar não foi o fato de serem 5 horas**.

Neste caso, as duas orações formam um único bloco tonal, não há pausa entre uma oração e outra.

b) Teste da interrogação

Tem resultados idênticos ao teste da negação. As orações introduzidas por *já que* e por *pois* não podem ter seus conteúdos questionados. Quando submetidos a este teste, há ruptura do bloco, isto é cada oração se comporta como um bloco tonal à parte.

Pedro parou de trabalhar? Já que são 5 horas.

Pedro parou de trabalhar? Pois são 5 horas.

O que se pergunta é se **Pedro parou ou não de trabalhar e pergunto isso já que/pois são 5 horas.**

Já a conjunção *porque* tem um comportamento dúbio, como no teste da negação. Por um lado é possível que a pergunta incida sobre o conteúdo apenas da primeira oração, como aconteceu com *pois* e com *já que*.

Pedro parou de trabalhar? Porque são 5 horas.

Ou seja, pergunta-se se **Pedro teria ou não parado de trabalhar e a razão para tal pergunta é porque são 5 horas.** Neste caso, cada oração é um bloco tonal individual.

No entanto, é possível que a pergunta incida sobre a oração de *porque*. Assim, teríamos:

Pedro parou de trabalhar porque são 5 horas?

A interpretação seria a seguinte: **não estamos perguntando se Pedro parou ou não de trabalhar. Sabemos que ele parou de trabalhar. Queremos saber se a razão para ele ter parado de trabalhar foi o fato de serem 5 horas.**

Neste caso, as duas orações formam um único bloco tonal, não há pausa entre elas.

Dois outros testes feitos pelo autor – encadeamento e quantificação – têm os mesmos resultados dos testes da negação e da inter-rogação.

As conclusões a que Vogt chega são as seguintes:

– os testes mostram que a classificação tradicional que opõe *pois*, como conjunção de coordenação às conjunções *porque* e *já que*, enquanto conjunções de subordinação é superficial e inadequada. Para Vogt, *pois* e *já que* situam-se do lado da coordenação. Enquanto isso, *porque* apresenta uma ambigüidade fundamental: é a única conjunção capaz de explicar pelo elo da causalidade que estabelece entre o conteúdo de duas proposições, o conteúdo da primeira pelo conteúdo da segunda (caso em que as duas proposições formam um único bloco tonal); por outro lado, tem um comportamento que a

aproxima da conjunção *pois*, quando a explicação desliza para uma espécie de justificação do que se diz na primeira proposição (caso em que cada proposição forma seu próprio bloco tonal).

– a operação que as conjunções *pois*, *já que* e *porque* (na interpretação em que há ruptura do bloco) realizam não se faz no nível de seus conteúdos, mas ao nível dos atos de fala de instituem esses conteúdos.

– o fato de a oração de *pois* não poder ser anteposta e a de *já que* poder deve-se ao fato de que a primeira conjunção marca um ato de fala de justificação de algo anteriormente expresso (só se pode justificar aquilo que já foi dito), ao passo que a segunda conjunção introduz um ato de fala caracterizado pela inferência: se a proposição introduzida por *já que* é apresentada como uma evidência tal que, se o ouvinte a admite, ele será forçado a admitir o conteúdo da outra oração.

CONSEQUÊNCIAS DOS ESTUDOS DE VOGT EM CARONE

Segundo Carone, a diferença fundamental entre a coordenação e a subordinação é que o segundo processo realiza a translação, o primeiro, não. Ou seja, na subordinação impõe-se à oração o status subalterno de termo de outra oração, mediante a ação de um elemento translativo (conjunção subordinativa ou pronome relativo). A conjunção coordenativa, ao contrário, não podendo realizar a translação, faz com que cada oração relacionada entre com seu valor oracional intocado. Para Carone, portanto, somente a conjunção coordenativa tem a capacidade de relacionar orações, visto que a subordinação previamente deve transferir o todo a parte, para que esta possa, então, articular-se com uma parte de outro todo. Em outras palavras, o elemento de subordinação relaciona uma oração transferida à condição de um substantivo, um adjetivo ou um advérbio por meio de um translativo a um elemento (um termo) da outra oração, ao passo que o elemento de coordenação, não tendo esta capacidade de transferir uma oração à condição de substantivo, adjetivo ou advérbio, relaciona sua oração com outra oração.

Em vista do que foi dito acima, podemos ver que Carone concorda com Vogt quando este considera que as conjunções *pois* e *já*

que são coordenativas uma vez que relacionam atos de fala de cada oração e não os fatos expressos em cada uma delas. Já a conjunção *porque* poderia ser tanto uma coordenativa explicativa quanto uma subordinativa causal, como já foi exposto por Vogt.

Lembremos, também, que tal proposta traz de volta a idéia da pausa como elemento instaurador da coordenação, defendida por Carone no capítulo 3. As conjunções *pois* e *já que*, por romperem o bloco, fazendo com que cada oração se comporte como um bloco tonal à parte, têm, portanto, comportamento de coordenativa. A conjunção *porque* tanto pode provocar a ruptura do bloco (caso em que atuará como coordenativa) ou manter as duas orações como um só bloco tonal, caso em que atuará como subordinativa, sem pausa, portanto.

No entanto, Carone nos alerta que há motivos que levam a confusões entre a causal e a explicativa, por mais diferentes que sejam, na vida, a causa e a explicação (aquela é anterior ao fato, e esta nós a buscamos a posteriori). O primeiro é que a explicativa é “lateralmente” uma causal. Alguns chegam a dizer que ela exprime uma relação de causa “mais frouxa”. O verdadeiro problema é que ela não exprime uma causa referencial daquilo que é dito no enunciado da outra oração, mas a causa do ato e da atitude do locutor ao produzir seu enunciado. Não é a causa do “dictum”, mas do “modus” do falante, visto que gerou o seu julgamento sobre o fato exposto.

Por exemplo, quando dizemos **A moça vai viajar, porque vi seu passaporte**, não podemos dizer que o fato de ter visto o passaporte seja a causa para a viagem da moça. Mas é a causa para o ato de fala representado pela oração **A moça vai viajar** (uma conclusão a que o falante chegou). Esse “modus a que se refere Carone concretiza-se em um verbo ilocucional (*digo, juro, concludo, suponho, acho*, etc.).

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS PROPOSTAS ACIMA

Está claro, na proposta de Vogt, a ênfase à semântica. O autor procura demonstrar que, do ponto de vista do significado, *porque*, *pois* e *já que*, ainda que parecidas, apresentam nuances semânticas

que as diferenciam ligeiramente umas das outras. Essas distinções de significado vão ter reflexos no comportamento sintático de cada conjunção analisada. Lembramos aqui a passagem final de Vogt do objetivo maior de seu estudo: “Neste sentido é que estas conjunções constituem “operadores” argumentativos, isto é, marcadores de subjetividade, e o seu estudo deverá contribuir para mostrar a importância das intenções dos falantes na organização do discurso e na sua estruturação como texto.” (1989, p. 60)

Todavia, pode-se observar que o significado passado pela conjunção *está*, para Vogt, intimamente ligado ao processo de estruturação de períodos. A conjunção *porque* é a única que permite a interpretação como causal, em um de seus usos. Assim, é a única que pode ser subordinativa. As outras duas, assim como o *porque* em outro de seus usos, são conjunções que não passam a idéia de causa de um fato expresso na outra oração. Elas explicam, justificam o ato de fala da outra oração. Logo, são coordenativas, pois relacionam orações.

Carone vai explicar esse ponto de forma mais clara. A conjunção *porque* em um de seus usos (aquele em que permite que sua oração forme um único bloco com a outra oração) mostra-nos que a oração de *porque* está relacionada ao fato expresso pelo verbo da outra oração. É, assim, uma oração que está subordinada a um termo da outra oração (o verbo). A conjunção funciona, neste caso, como um translativo, reduzindo a oração à condição de advérbio. Nos demais casos, *pois*, *já que* e *porque* (no seu uso próximo a *pois* e *já que*), Carone explica que as conjunções não inserem uma oração na outra, não operam a translação, mas relacionam os atos de fala de cada oração. Por isso, são coordenativas.

Um ponto que nos parece merecer reflexão é a ligação íntima estabelecida entre causa e subordinação e explicação e coordenação. A gramática tradicional também “amarra” a questão causal x explicativa ao processo de estruturação de períodos, subordinação x coordenação, de modo que a oração causal só pode ser subordinada e a explicativa só pode ser coordenada, muito em razão de um exame pouco aprofundado dessas duas questões, que, no nosso entender, estão em campos distintos, a primeira oposição no campo da Semântica e a segunda, no da Sintaxe. Mas é a própria gramática tradicional,

ao tentar distinguir coordenação de subordinação, que diz que, na coordenação, uma oração não funciona como termo da outra oração, ao passo que, na subordinação, uma oração é função sintática da outra.

Assim, ao tentar mostrar por que *pois* e *já que*, apesar de serem, em seu entender, coordenativas explicativas, comportam-se diferentemente no tocante à possibilidade de inversão de orações, Vogt explica que tal diferença está relacionada ao ato de fala que cada uma dessas conjunções introduz. A explicação é de natureza semântica, mas condiciona o fato de serem as conjunções coordenativas ou subordinativas e não apenas de serem causais ou explicativas. Contudo, o autor deixa de lado a outra característica que ele mesmo cita que afasta *já que* de *pois*: a possibilidade de a primeira coocorrer com *e* e a impossibilidade da última *pois* coocorrer com a mesma conjunção. Em outras palavras, a oração introduzida por *já que* pode ser desdobrada por coordenação, mediante o uso da coordenativa *e*, ou mesmo por coordenação assindética. Mas, com conjunção *pois*, isto não acontece.

Carone vai retomar Vogt, mostrando que as conjunções *já que* e *pois* (e *porque*, em um de seus usos), não relacionam uma oração a um termo de outra oração. Não operam, desta forma, a translação. Relacionam oração a oração. Somente a conjunção *porque* (no outro uso) relaciona a sua oração ao verbo, transformando a oração em adjunto adverbial. As duas primeiras conjunções e o *porque*, em um de seus usos, são coordenativas, porque são marcadas pela pausa. Já, no outro uso de *porque*, não marcado pela pausa, esta conjunção funcionaria como subordinativa.

É preciso ter cuidado com essa afirmação tão generalizante de que a pausa é obrigatoriamente elemento instaurador da coordenação, pois, se assim o for, então as orações subordinadas substantiva apositiva e adjetiva explicativa, que representam a função sintática de aposto, são coordenativas, uma vez que são marcadas por pausa significativa. No entanto, são introduzidas ou pela conjunção subordinativa integrante (a subordinada substantiva apositiva) ou pelo pronome relativo (a subordinada adjetiva explicativa), elementos reconhecidamente de subordinação e citados pela própria Flávia Caro-

ne como tais. Este ponto relacionado às orações que exercem a função sintática de aposto não é mencionado por Carone.

Outro ponto, que pode mostrar o perigo da generalização da pausa como elemento instaurador da coordenação é o uso de certos advérbios de frase, como em, *Certamente, Pedro virá à festa*, ou *Francamente, este filme é horrível*. Seriam esses advérbios (*certamente* e *francamente*), elementos coordenados na estrutura da frase? Perini nos propõe que esses termos adverbiais têm os seguintes traços sintáticos: [-CV, +Ant, -Q, -CN, -Cl, -pNdP, +PA], exercendo, assim, a função sintática que ele nomeia de adjunto oracional.

Da mesma forma que elementos adverbiais podem exercer, na sentença, funções sintáticas diferentes da de adjunto adverbial, o que é desconsiderado por Carone, as orações adverbiais poderiam, também, exercer funções sintáticas outras diferentes das de adjunto adverbial. E, assim, da mesma maneira como o termo adverbial pode vir marcado na sentença pela pausa, caso do adjunto oracional, a oração adverbial poderia também ser separada da sua principal por pausa, pois não exerceria a função sintática de adjunto adverbial. Nem por isso, perderia seu caráter subordinado, pois o que dá esse caráter é o fato de ela exercer uma função sintática na principal. Estaríamos, então, questionando o papel da pausa como elemento obrigatoriamente instaurador da coordenação.

UMA OUTRA PROPOSTA

As reflexões que fizemos no item anterior nos levaram a pensar em uma outra proposta para a questão. Essa proposta parte de uma premissa básica: a de que a análise semântica das conjunções deve ser separada da análise do processo de estruturação de períodos. Em outras palavras: determinar se uma conjunção tem valor causal ou explicativo não tem, em nosso entender, relação com a investigação sobre o estudo dos processos de estruturação de períodos, a saber, coordenação ou subordinação.

Há 3 principais características das conjunções coordenativas:

1– as conjunções coordenativas exigem pré-texto, isto é, as conjunções coordenativas estão sempre ligando sua oração a algo

previamente expresso. Tal característica dá à oração coordenada uma rigidez posicional total. A oração introduzida pela conjunção coordenativa não pode ser movimentada, isto é, não pode ser levada para antes da outra oração com a qual está coordenada. Isto não acontece com a maioria das conjunções subordinativas adverbiais, que, por introduzirem orações que representam termos adverbiais, têm mobilidade no período. O papel da conjunção subordinativa adverbial não é o de ligar a sua oração a algo previamente expresso, mas o de conferir a sua oração o “status” de um termo adverbial;

2– as conjunções coordenativas funcionam em todos os níveis: inter-oracional e intra-oracional. Consideremos a definição de coordenação dada por Tesnière: “a coordenação é a consequência de um fenômeno de “desdobramento” de um termo, que se vê, assim, em face de um peculiar “alter ego”. Nesse processo, parece que vão surgindo clones do indivíduo original, numa multiplicação para a qual não há teoricamente limites. Quando esse fenômeno atinge o centro da oração, o verbo – ao qual todos os termos se subordinam imediata ou mediatamente – , ocorre o desdobramento em duas orações coordenadas.” Podemos, então, concluir que a conjunção coordenativa atua dentro da oração, no desdobramento de funções sintáticas semelhantes, atua ligando orações que exerçam a mesma função sintática de um mesmo elemento de uma principal, numa atuação muito próxima à anterior, mas com a diferença de que, aqui, as funções sintáticas estão em forma de oração e, por fim, atua ligando orações sintaticamente independentes, isto é, orações em que uma não é termo da outra, caso em que a coordenação atingiu o verbo.

3– as conjunções coordenativas não coocorrem ligando uma oração a outra. A razão para isso é que se duas palavras relacionam as mesmas orações, isso significa que apenas uma é conjunção coordenativa, pois seria uma redundância termos dois elementos de coordenação juntos desempenhando a mesma função. Isso exclui do rol das conjunções coordenativas uma série de elementos que vêm sendo, tradicionalmente, incluídos nessa classe, tais como as palavras de valor adversativo *porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto*, todas passíveis de coocorrerem com *mas*, esta sim uma verdadeira conjunção coordenativa, e com *e*, a mais coordenativa das conjunções coordenativas, e as conclusivas *portanto, pois, conseqüentemente*, todas passíveis de coocorrerem com *e*. Aliás, uma razão que

leva a excluir tais elementos do grupo das conjunções coordenativas é o fato de que podem ter colocação flutuante na oração, ao passo que as conjunções coordenativas verdadeiras só podem situar-se no início da oração. A proposta de que esses elementos não são conjunções coordenativas e sim advérbios já vem sendo amplamente defendida por ilustres autores tais como Bechara (1999) e Bomfim (1987). Elementos sintaticamente semelhantes em inglês (*however, nevertheless, therefore*) também foram excluídos por Quirk et alii do rol das conjunções coordenativas, sendo incluídos no grupo dos advérbios. Entretanto, é perfeitamente possível a convivência como os dois primeiros elementos de uma oração de uma conjunção coordenativa e outro elemento de subordinação (conjunção subordinativa integrante, conjunção subordinativa adverbial, pronome relativo, preposição, esta no caso das reduzidas) porque cada elemento realiza um papel distinto: o elemento de subordinação subordina uma oração a outra fazendo com que uma oração se comporte como uma função sintática de outra; já o de coordenação une duas orações que exercem a mesma função sintática de uma mesma principal.

Em vista do exposto, concluímos que, das conjunções examinadas, *pois* tem mais características de coordenativa. Ela exige o pré-texto, pois sua oração não pode ser movida. Ela não coocorre com nenhuma outra conjunção coordenativa. Assim, não se pode desdobrar uma oração introduzida por *pois*. Apenas no nível de funcionamento dessa conjunção é que ela tem um comportamento que difere das mais autênticas conjunções coordenativas, uma vez que *pois* só atua no nível inter-oracional e, mesmo nesse nível, não liga orações subordinadas que exerçam a mesma função sintática de uma mesma principal. Quanto a *já que* e *porque*, têm comportamento sintático típico das subordinativas: só atuam ligando orações, não exigem pré-texto, podem ter sua oração desdobrada por coordenação (*porque* coocorre com as coordenativas *e*, *ou* e *mas*; *já que* coocorre apenas com *e*).

O que dissemos acima já nos mostra nossa discordância em relação a Vogt no tocante à classificação da conjunção *já que*, considerada por ele como coordenativa.

Além disso, entendemos que as gramáticas tradicionais têm razão quando consideram que, na subordinação, uma oração é função

sintática de outra e, na coordenação, há independência sintática, pois uma oração não funciona como termo de outra, postura da qual nem mesmo Flávia Carone discorda.

Contudo, pensamos que o grande problema com relação às subordinadas adverbiais está no fato de se achar que os termos adverbiais na oração só podem exercer a função de adjunto adverbial, o que pôde ser claramente contestado acima. O estudo superficial e incompleto das funções sintáticas exercidas pelos elementos adverbiais e pelos sintagmas preposicionados na oração acaba atingindo, também, o estudo das funções sintáticas das orações adverbiais no período.

Quirk et alii (1985) propõem que as orações adverbiais podem exercer duas funções: a de adjunto adverbial e a de disjunto adverbial. Caracterizam-se os adjuntos adverbiais pela possibilidade de responderem a uma pergunta adverbial e pela possibilidade de serem extrapostos ou clivados. Os disjuntos adverbiais, ao contrário, não são passíveis dessas operações.

Assim, com relação às conjunções subordinativas adverbiais acima citadas (*porque* e *já que*) somente a primeira introduz orações que podem responder a uma pergunta adverbial (com *por quê?*) e orações que podem ser extrapostas ou clivadas. Assim, somente *porque* pode introduzir orações que exercem a função de adjunto adverbial. *Já que*, não podendo introduzir orações que se submetam aos processos acima expostos, não introduz orações adjuntos adverbiais, mas disjuntos adverbiais.

CONCLUSÕES

Não descartamos a possibilidade de um estudo semântico das conjunções. A proposta de Vogt de estudar as nuances de significado existentes nas conjunções *porque*, *pois* e *já que* é, sem dúvida, muito interessante. Esse estudo é vital para que se possam entender as intenções comunicativas dos falantes ao escolherem uma determinada conjunção em detrimento de outra que tenha semelhanças semânticas muito grandes, mas algumas nuances de significado. É um estudo sobretudo essencial na determinação do valor argumentativo desses elementos.

No nosso entender, no entanto, um estudo que separe a questão do comportamento sintático (conjunção coordenativa ou conjunção subordinativa) das questões ligadas à Semântica (causal ou explicativa) parece responder de forma mais abrangente as perguntas feitas pelo próprio Vogt e englobar melhor as semelhanças e diferenças apontadas pelo autor com relação às conjunções supracitadas.

BIBLIOGRAFIA

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BOMFIM, Eneida. *Advérbios*. São Paulo: Ática, 1987.

CARONE, Flávia de Barros. *Subordinação e coordenação: confrontos e contrastes*. São Paulo: Ática, 1988.

CUNHA, Antônio Sérgio Cavalcante da. *O comportamento sintático das conjunções causais/explicativas*. Dissertação de Mestrado. PUC-RJ, 1994.

PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 2000.

QUIRK, Randolph et alii. *A comprehensive grammar of the English language*. London: Longman, 1985.

VOGT, Carlos. Indicações para uma análise semântico-argumentativa das conjunções *porque*, *pois* e *já que*. In: *Linguagem, pragmática e ideologia*. São Paulo: Hucitec, 1989.